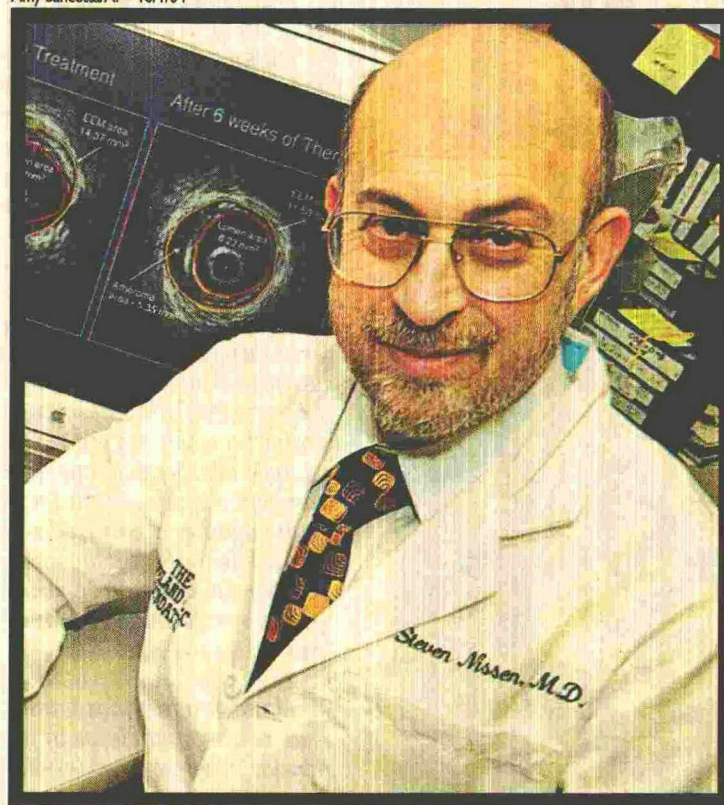


Teste sanguíneo revela se pessoa com colesterol baixo tem alto nível de proteína causadora de ataque cardíaco e pode ser tratada com estatina

Pesquisa revoluciona a prevenção do infarto

DA REDAÇÃO

Amy Sancetta/AP - 16/1/04



STEVEN NISSEN, DA CLEVELAND CLINIC: ESTUDO DE BOSTON É "INOVADOR"

Um estudo considerado inovador demonstrou que um exame de sangue mais detalhado pode apontar o risco de ataque cardíaco ou acidente vascular cerebral (AVC) em pessoas aparentemente saudáveis e com níveis baixos de colesterol. A mesma pesquisa indicou que a utilização de um remédio geralmente prescrito para redução de colesterol, o Crestor, complementa o tratamento preventivo nesse tipo de paciente. A descoberta foi apresentada ontem, no encontro da Associação Norte-americana do Coração, em Nova Orleans. "Os benefícios públicos são imensos. Isso muda a maneira como antecipamos o combate ao infarto e ao derrame", disse Paul Ridker, do Brigham and Women's Hospital, em Boston.

Cerca de 18 mil voluntários em 26 países foram analisados na pesquisa apresentada por Ridker. O teste de sangue mede a intensidade de uma reação do organismo denominada inflamação, um dos principais motivos de doenças cardíacas em pessoas sem histórico de colesterol alto. Essas inflamações levam à ruptura de placas formadas nas artérias, o que bloqueia o fluxo sanguíneo. O novo exame de sangue consegue detectar esse fenômeno medindo a quantidade de uma subs-

tância chamada proteína C-reativa (CPR, na sigla em inglês).

Cientistas acreditam que médicos poderão pedir este tipo de teste — cujo custo nos Estados Unidos é estimado em US\$ 20 — a pacientes de meia-idade para descobrir possíveis inflamações nas artérias. Cerca de metade dos ataques cardíacos ocorre em pes-

soas com níveis de colesterol baixo. Aquelas analisadas na pesquisa feita em Massachusetts tinham uma média de 108 no nível de colesterol ruim (LDL) e 49 no colesterol bom (HDL). No entanto, todas possuíam elevadas taxas de CPR. Portanto, nenhum dos pacientes apresentava um perfil preocupante o suficiente para ser

submetido a um tratamento com estatinas — lipoproteínas geralmente usadas para reduzir o LDL.

O estudo sugere que, agora, pessoas com altos níveis de CPR também poderão ser submetidas a esse tratamento como medida preventiva. A pesquisa foi financiada pela farmacêutica AstraZeneca, que produz o medicamento Crestor, um dos vários prescritos em casos de colesterol alto. O Crestor também é comercializado no Brasil. Para confirmar a eficácia do método, parte dos 18 mil pacientes envolvidos no estudo tomou estatina, e os demais apenas um placebo. Aqueles tratados com estatina viram reduzido em 54% o risco de ataque cardíaco, em 48% a chance de derrame, e em 46% a necessidade de angioplastia.

"É algo muito inovador, isso muda paradigmas", afirmou ao jornal *The Washington Post* o cardiologista Steven Nissen, da Cleveland Clinic, que não participou da pesquisa. No entanto, em editorial escrito no *New England Journal of Medicine*, o médico Mark Hlatky, da Universidade de Stanford, questionou os investimentos nesse tipo de prevenção: "Devemos nos perguntar quantas pessoas estaremos tratando com remédios para evitar doenças do coração pelo resto da vida em comparação a outras coisas que não estamos fazendo".